

MENSÁRIO DO ARQUIVO NACIONAL

NOVEMBRO
11 1981

143



Reg.Fasc.: 49786 Classif.: PER
MENSÁRIO DO ARQUIVO NACIONAL
v.12 n.11 nov.1981

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Ministro de Estado: Ibrahim Abi-Ackel

Secretário-Geral: Arthur Pereira de Castilho Neto

ARQUIVO NACIONAL

Diretora-Geral: Celina do Amaral Peixoto Moreira Franco

Secretário Administrativo

1. DIVISÃO DE PRÉ-ARQUIVO
 - 1.1 Seção de Tombamento
 - 1.2 Seção de Processamento Técnico
2. DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO ESCRITA
 - 2.1 Seção do Poder Legislativo
 - 2.2 Seção do Poder Executivo
 - 2.3 Seção do Poder Judiciário
 - 2.4 Seção de Arquivos Particulares
3. DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL
 - 3.1 Seção de Gravações de Som e Imagem
 - 3.2 Seção de Filmes
 - 3.3 Seção Iconográfica e Cartográfica
4. DIVISÃO DE PESQUISAS E ATIVIDADES TÉCNICAS
 - 4.1 Seção de Estudos e Pesquisas
 - 4.2 Seção de Registro e Catálogo
 - 4.3 Seção de Assistência Técnica
 - 4.4 Seção de Reprodução
 - 4.5 Seção de Imunologia
 - 4.6 Seção de Patologia dos Documentos
5. DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES
 - 5.1 Biblioteca
 - 5.2 Seção de Consultas
 - 5.3 Seção de Divulgação
6. DIVISÃO DE ADMINISTRAÇÃO
 - 6.1 Seção de Protocolo e Expediente
 - 6.2 Seção de Execução Orçamentária e Financeira
 - 6.3 Seção de Material e Patrimônio
 - 6.4 Seção de Portaria, Zeladoria e Vigilância
7. COORDENADORIA DE CURSOS DE ARQUIVOLOGIA

M
A
N

Mensário do Arquivo Nacional

DIREÇÃO

Celina do Amaral Peixoto Moreira Franco

EDITORACÃO E EXPEDIENTE

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES

Diretor substituto - Maria de la Encarnacion de
Espana Santos

SEÇÃO DE DIVULGAÇÃO

Chefe Zeneya Legay Aguiar

Praça da República, 26

Rio de Janeiro - Brasil

**Pede-se Permuta
Exchange Desired**

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO

O BARÃO DE VILA VIÇOSA - UM POETA ESQUECIDO	
<i>Pedro Tomás Pedreira</i>	3
NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO DE MATERIAL ARQUIVÍSTICO	9
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE ARQUIVOS INTER MEDIÁRIOS	16
QUEM ESTÁ PESQUISANDO O QUE	24
DIVERSAS NOTÍCIAS	28

O número impresso na folha de rosto e na última capa é identificador deste *Mensário* no Sistema Internacional de Dados sobre publicações seriadas (International Data System)

MAN: Mensário do Arquivo Nacional.
Ano XII , n.11- 1981- .Rio de
Janeiro, Arquivo Nacional, 1980-
v. il.

Diretor. 1970-1980 R. Lima.-1980-
Celina A.P.Moreira Franco.

1. Arquivos (documentação) I. Rio de
Janeiro. Arquivo Nacional.

CDD 025.171

COLABORAÇÃO

O BARÃO DE VILA VIÇOSA - UM POETA ESQUECIDO

*Pedro Tomás Pedreira
Instituto Geográfico e
Histórico da Bahia*

Após uma consulta a alguns trabalhos específicos já publicados, tais o célebre e pioneiro "Catálogo Genealógico das principais famílias", de frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, as achegas ao mesmo "Catálogo", por Afonso Costa na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, (vol. 191, abril-junho 1946, p.3-279) e, sobretudo, o 1º volume das *Famílias Baianas*, de Bulcão Sobrinho (Salvador-Ba., 1946, p.65-93), constatamos que, sem nenhuma dúvida, o beletrista ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, depois Barão de VILA VIÇOSA, descendia, por linha direta, das tradicionais famílias PIRES DE CARVALHO (linha baiana) e CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (linha pernambucana).

Eis aqui a sua ascendência:

JOSÉ PIRES DE CARVALHO, Capitão-mor de Ordenanças, Familiar do Santo Ofício, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro professo na Ordem de Cristo (filho do Coronel Domingos Pires de Carvalho e de Maria da Silva), casou-se em 8.11.1699 com TERESA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (filha de Baltasar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque e de Antonia de La Penha Deus-dará); teve 5 filhas, religiosas no Convento do Desterro, da Cidade do Salvador, e filhos:

F 1 - Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, membro da "Academia dos Esquecidos"; e

F 2 - JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE

X

JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (F 2), fidalgo da Casa Real, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, Alcaide-mor da Vila de Maragojipe, Ouvidor da Comarca de Alenquer (Portugal), Procurador da Real Fazenda, Provedor da Alfândega na Bahia e, finalmente, Secretário Geral do Estado do Brasil. Foi senhor dos Engenhos Nossa Senhora do Rosário, Passagem de Cima, São Miguel e Cazumba, poe-

ta e um dos fundadores e membro numerário (efetivo) da "Academia Brasílica dos Renascidos" (fundada, na Cidade do Salvador, em 19.05.1759). Casou-se com ISABEL JOAQUINA DE ARAGÃO (filha do Coronel Domingos da Costa de Almeida, Provedor da Alfândega da Bahia, e de Brites da Rocha Pita), senhora dos Engenhos Nossa Senhora das Brotas, Pantaleão e Santa Ana, tendo filhos:

N 1 - José Joaquim Pires de Carvalho, falecido pouco tempo após o nascimento;

N 2 - José Pires de Carvalho e Albuquerque (1º), casado, em 21.09.1776, com Maria Francisca de Araújo e Aragão;

N 3 - Teresa Josefa Pires de Aragão, ou Madre Teresa Josefa do Paraíso (religiosa do Convento do Desterro);

N 4 - Teresa Mariana Pires de Aragão, cu Madre Teresa Mariana do Livramento (religiosa do Convento do Desterro);

N 5 - José Pires de Carvalho e Albuquerque (2º), casado, em 23.04.1781, com sua prima Ana Maria de São José e Aragão (irmã de Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão, mulher de seu cunhado Antonio Joaquim - N 6), pais do Visconde da Torre de Garcia d'Ávila e irmãos.

N 6 - ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (q.v.)

ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (N6), nascido na cidade do Salvador a 06.02.1766, em cuja capela do Unhão batizou-se em 13.04. do mesmo ano, foi Coronel do Regimento de Milícias do Terço da Torre de Garcia d'Ávila e Capitão-mor da Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro, cargo no qual faleceu em 25.05.1812, além de senhor dos Engenhos Passagem de Cima e Nossa Senhora das Brotas, herdados dos pais. Casou-se, em 02.02.1794, com CATARINA JOAQUINA DOS ANJOS E ARAGÃO (filha de seu primo José Pires de Carvalho e Albuquerque e de Leonor Pereira Marinho), tendo 5 filhos:

BN 1 - Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque Filho;

BN 2 - INÁCIO PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (q.v.);

BN 3 - José Inocencio Pires de Carvalho e Albuquerque;

BN 4 - Maria Delfina da Conceição e Aragão, Baronesa de Jaguaripe;

BN 5 - Luisa Clementina Pires e Aragão.

INÁCIO PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (BN 3) foi, também, Capitão-mor da Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro, e um dos signatários da Ata do Senado da Câmara da mesma Vila, de 14 de junho de 1822, a primeira manifestação baiana em prol da Independência do Brasil. Herdou, dos pais, os Engenhos Passagem de Cima e Nossa Senhora das Brotas. Organizou uma "Companhia de Cavalaria", com 400 homens, que participou, com heroísmo, da campanha pela Independência na Bahia. Casou-se em 20.09.1813 com sua prima-irmã LEONOR AUGUSTA DA ASSUNÇÃO E ARAGÃO (irmã do Visconde da Torre de Garcia d'Ávila - pai da Baronesa de Mataripe -, do Barão de Jaguaripe e do Visconde de Pirajá - pai da Viscondessa da Torre de Garcia d'Ávila e do 2º Barão de Pirajá) tendo filhos:

TN 1 - Ana Augusta Pires de Aragão

TN 2 - INÁCIO PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (q.v.)

X

Quando a ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, que ora biografamos, era um dos filhos de INÁCIO PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (TN 2) e de sua esposa MARIA VIOLANTE DE MATOS PIRES, nascido na "Leal Cidade de Santo Amaro" em 13.03.1841. Teve irmãos: Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque e Leonor Augusta Pires de Aragão, falecidos jovens e sem sucessão.

Fez os primeiros estudos em Santo Amaro e o de Humanidades na Cidade do Salvador, de onde seguiu para Pernambuco, matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife.

Não chegou, entretanto, a concluir o curso pois que, com o falecimento de seu progenitor, teve de interrompê-lo no 3º ano, retornando à Bahia e a Santo Amaro a fim de administrar as propriedades por ele deixadas: os Engenhos de Nossa Senhora das Brotas e Passagem de Cima.

De 1877 a 1880 foi Vereador à Câmara Municipal de Santo Amaro; em 1879, por Decreto de 26 de abril, o Imperador D. Pedro II o agraciou com o título de BARÃO DE VILA VIÇOSA. Quando da visita do Conde d'Eu a Santo Amaro, em 1889, era Provedor da Santa Casa de Misericórdia daquela cidade. (1)

De 1880 a 1887 exerceu o mandato de Deputado à Assembléia Legislativa da Província da Bahia, pelo Partido Liberal. Comendador da Ordem de Cristo por decreto de 21 de abril de 1883. Comendador da Real Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, pelo Governo de Portugal, em 30 de junho de 1881, autorizado a usar a condecoração, no Brasil, por portaria do Ministro do Império, de 8 de agosto seguinte.

Já no período republicano, foi membro, de 1890 a 1892, do Conselho Municipal de Santo Amaro, ocupando, de 11 de julho a 22 de outubro de 1890, o cargo de Intendente Municipal da mesma cidade.

De 1891 a 1893 desempenhou mandato de Deputado à Câmara Federal, pelo seu estado.

X

Apesar de mostrar-se, reconhecidamente, (2) amigo de sua numerosa escravaria, procurou lutar para que a libertação dos escravos não se consumasse com celeridade, tendo sido, por isso mesmo, um dos fundadores, em 17.08.1884, da "Liga da Lavoura e do Comércio de Santo Amaro", com a finalidade de "defender os interesses da lavoura, comércio e indústria, seriamente ameaçados". A "ameaça": a abolição da escravatura! formavam a "Liga" vários comerciantes e senhores de engenhos.

Sendo, além do Engenho Nossa Senhora das Brotas, proprietário do Engenho Passagem de Cima, transformou-o, mediante a instalação de maquinária apropriada em usina, com o nome de "Usina de Nossa Senhora da Luz da Passagem", depois "Usina Passagem S/A", de propriedade do Dr. Luiz Mendonça Costa; quando por este vendida, há poucos anos, a uma empresa do Estado de Alagoas, recebeu o nome de "Usina Paranaquã II". (3)

Embora conservando-se celibatário, teve, com Francisca Maria da Conceição, 8 filhos, aos quais posteriormente reconheceu: Maria da Glória Pires de Aragão (casou-se com Serafim da Costa Ribeiro), Maria Francisca Pires de Aragão (casou-se com Francisco da Cruz Silva), Maria Augusta Pires de Aragão (casou-se com José Augusto Tavares), Leonor Pires de Aragão e Maria José Pires de Aragão (solteiras); e José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e Francisco Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque, estes Engenheiros Agrônomos, formados pela antiga e tradicional Escola Agrícola, de São Bento das Lajes, a primeira do Brasil, sita em terras do atual município de São Francisco do Conde.

Residia o Barão numa bela casa e chácara - também conhecida por "chácara da Rocinha" - à rua do Sacramento, na cidade de Santo Amaro, local em que, há pouco tempo, se construiu e está situado o Centro Escolar "Senador Pedro Lago".

X

Tanto na sua chácara já mencionada, como nas "casas grandes" dos seus Engenhos, o Barão de Vila Viçosa aproveitava as horas ociosas para cultivar as letras, elaborando primorosos sonetos e poemas, e três livros em prosa, como veremos adiante.

Colaborou nos jornais *O Liberal*, de Santo Amaro (1º número em 16.09.1876 e último em 1889), e no *Jornal de Notícias*, da Cidade do Salvador, quando Deputado provincial, de 1880 a 1887.

Escreveu dois trabalhos poéticos de fôlego: o poema *A Mãe de Deus* (1a. edição em 1893), cuja renda ofereceu em benefício do Hospital de Nossa Senhora das Vitórias, da freguesia santamarense de Nossa Senhora da Oliveira dos Campinhos; e uma excelente tradução, direta do latim e em magníficos versos (única existente no gênero), da famosa obra de Tomas de Kempis *A Imitação de Cristo*. Deixou inédita até hoje, uma tradução versificada do livro bíblico *Cântico dos Cânticos* e, ainda, a ode *O Povo*, além de alguns dos célebres "Bandos Anunciadores" da tradicional festa de 2 de fevereiro, da Padroeira de Santo Amaro, Nossa Senhora da Purificação.

Em prosa, deixou: o romance *Nini*, uma *Gramática da Língua Portuguesa* e uma *Gramática Filosófica*.

Sustentou, em versos, uma polêmica acerca da existência de Deus, com o poeta e médico Arnaldo Ernesto Vieira (nascido na Vila de Rio de Contas, da então Província da Bahia, e falecido em Santo Amaro), Diretor Médico do Hospital de Nossa Senhora da Natividade (da Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro) e primeiro Presidente da Loja Maçônica "Luz e Caridade", pioneira em Santo Amaro, da qual trataremos em outra oportunidade.

Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Barão de Vila Viçosa, faleceu em 18 de maio de 1915, na "casa-grande" do seu Engenho Nossa Senhora das Brotas, em cuja capela-hoje completamente destruída - foi sepultado.

Anibal Amorim, membro efetivo da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em seu livro *Viagens pelo Brasil*, se refere, de modo favorável, ao nosso biógrafo: "Quando cheguei a Santo Amaro, um dos meus primeiros pensamentos foi fazer uma visita ao velho barão de Vila Viçosa, o tradutor da *Imitação de Cristo* e autor do poema, em decassílabos, *A Mãe de Deus*."

O Sr. de Vila Viçosa é um ancião sobejamente simpático e de conversação erudita. No mesmo dia, ao retribuir a visita que lhe eu fizera, ofereceu-me as suas obras já citadas.

Antigo presidente de província e deputado geral, S. Exa. conserva-se ainda fiel às idéias do regime decaído. Contudo consagra à Bahia as energias de seu espírito, escrevendo ou traduzindo obras de merecimento, na vida solitária que se impôs, na sua querida cidade de Santo Amaro, que deixei, com grandes saudades, depois de uma permanência de três dias." (4)

NOTAS

- (1) Vide artigo "As visitas de D. Pedro II e do Conde d'Eu a Santo Amaro", in MAN nº 12. Dezembro, 1975.
- (2) Como demonstra a proposta do Ministro do Império,

Cons? Pedro Leão Veloso, não datada, mas de abril de 1883, de que resultou o seu agradecimento com a ordem de Cristo: "Senhor / O Barão de Vila Viçosa, que há anos tem por costume comemorar o dia da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo com a manumissão de escravos seus, ainda este ano concedeu liberdade a nove, subindo a mais de vinte e cinco o número dos que assim tem alforriado. / Achando-se tão importante serviço prestado à humanidade compreendido na disposição do § 3º do art. 9º do Decreto nº 2853 de 7 de dezembro de 1861, tenho a honra de propor a Vossa Majestade Imperial que Se Digne Nomear o dito Barão Comendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo. / Sou, Senhor, com o mais profundo respeito / de Vossa Majestade Imperial. / - Súdito leal e reverente / *Pedro Veloso*" (Arquivo Nacional, Seção do Poder Executivo: Ministério do Império (depois do Interior), "Graças Honoríficas: requerimentos e propostas. Documentos biográficos, 1808 - 1891").

- (3) Antes de pertencer ao Dr. Luiz Mendonça Costa, por herança do seu progenitor José Faustino Costa, a Usina foi propriedade do Senador Estadual José Batista Pereira Marques e do médico Otávio de Pinho Pedreira da Silva.
- (4) *Viagens pelo Brasil*, com oitenta gravuras, do Rio ao Acre - Aspectos da Amazonia - Do Rio a Mato Grosso; Livraria Garnier, Rio de Janeiro, Paris, sd., p. 43-4. (Início da viagem em 1909). Agradecemos essa gentil indicação ao cientista Daniel Nordemann, São José dos Campos - SP.

O autor incorreu em dois pequenos equívocos pois Vila Viçosa não foi presidente de província e tampouco integrou a Assembléia Geral durante o Império. Como vimos, exerceu o mandato de deputado federal, já na fase republicana, à Assembléia Constituinte e à 1ª. legislatura.

NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO DE MATERIAL ARQUIVÍSTICO

I - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL

O papel comum é uma substância orgânica composta de fibras de celulose.

Muitas plantas produzem fibras adequadas à fabricação do papel.

No passado, grande número de plantas foi usado para a fabricação do papel.

O papel moderno, no entanto, é geralmente feito de fibras de madeira. Estas são quimicamente purificadas para a confecção do papel usado nos livros, ou mecanicamente trituradas para a fabricação do papel para jornais. Os papéis de melhor qualidade contêm fibras de linho ou algodão

Como consequência da sua natureza orgânica, o papel está sempre sujeito à degradação se for incorretamente guardado, ambientado ou embalado.

No entanto, um bom papel, sob condições adequadas, poderá durar centenas de anos. O papel mais antigo que conhecemos data do ano 100 d.C. e foi encontrado na China por Sir Aurel Stein, que orientava escavações na parte ocidental daquele país, no início deste século.

Os papéis feitos na Europa entre o século XII e o século XIX eram resistentes e duráveis. Os livros publicados neste período, quando adequadamente guardados, se encontram em excelente estado. Os livros modernos, no entanto, têm uma vida média de 50 anos, a partir dos quais começam a degradar-se.

Dos papéis modernos que não se destinaram à confecção de livros, não se pode esperar melhor desempenho.

II - AS CAUSAS DA DEGRADAÇÃO DO PAPEL

Há um consenso, entre conservadores-restauradores e químicos do papel, de que o motivo principal da deterioração do papel está na acidez proveniente do uso dos compostos de Alumén-Resina na encolagem de papel. Na presença da umidade atmosférica, este composto gera ácido sulfúrico, que age no sentido da destruição do papel. Esta reação ainda pode ser acelerada por temperatura e umidade elevadas.

Um segundo fator na degradação de muitos papéis é o uso de fibras de madeira não purificadas (das quais não se removeu a legnina). Estas fibras são substancialmente mais fracas do que as fibras de polpas de madeiras purificadas quimicamente (em que houve a remoção da Lignina). Além disso, a Lignina restante na polpa pode se deteriorar e formar ácidos que enfraquecerão o papel.

O papel produzido a partir de fibras de madeira não purificadas está mais sujeito aos efeitos de deterioração da luz do que o papel feito de polpa purificada.

O papel de jornal contém na sua quase totalidade fibras de madeira não purificadas, e o papel usado para livros contém freqüentemente uma percentagem destas mesmas fibras. Em geral, por causa da utilização acentuada dos compostos de Alumén-Resina, no final do século XIX e início do século XX, os restauradores - conservadores se referem a este período como a "era do mau papel".

Outros fatores importantes na deterioração do papel são: poluentes atmosféricos como o dióxido de enxofre, o dióxido de nitrogênio e o ozônio; a radiação invisível do ultravioleta proveniente da luz solar e das luzes fluorescentes e as ondas curtas da luz visível; microorganismos como fungos e bactérias, que em geral se desenvolvem melhor sob condições de alta temperatura e elevada umidade.

Além disso, insetos e roedores se alimentam freqüentemente de papel e do material usado nas encadernações.

Na maioria dos casos, os donos de livros e manuscritos podem proteger suas coleções observando as precauções básicas descritas abaixo.

A - TEMPERATURA E UMIDADE

Pesquisa extensa e uma riqueza de provas acumuladas mostram que quanto mais baixa a temperatura na qual foi guardado, maior será a vida do papel. Pode ser demonstrado teoricamente que para cada - 12° C de decréscimo na temperatura, a vida útil do papel é aproximadamente o dobro. Como resultado, um número significativo de bibliotecas e arquivos têm sido projetados para que seu acervo permaneça numa temperatura de 13° C. Esta temperatura pode ser pouco agradável para funcionários e mantenedores, mas o princípio é correto - quanto mais baixa a temperatura das áreas nas quais o material é guardado e consultado, maior será o tempo de vida do papel.

Para a maioria das instituições e bibliotecas, considerações práticas estabelecem limites de temperatura de 20° a 24° C. No verão, se o prédio não possuir ar condicionado central, um ar condicionado de parede deverá ser usado para manter a temperatura no nível próprio. No inverno, o termostato na sala onde os livros são guardados deveria ser posto tão baixo quanto possível. Os livros não deveriam nunca ser guardados em áreas áticas (como sótão, por exemplo) que, se não refrigeradas, podem alcançar temperaturas de 38° a 65° C em dias de verão, especialmente nas latitudes médias. Sob tais condições, os livros sofrem rápida deterioração.

A umidade também afeta seriamente o papel. Se muito elevada, apressa a degradação ácida e facilita o ataque de agentes biológicos como fungos e bactérias; se muito bai

xa, o papel sofre pela perda da sua umidade estrutural. Recentes pesquisas indicam que a maioria dos livros modernos (com exceção de poucos que possam ser impressos com tinta permanente/durável ou papel com acidez livre) poderá durar mais tempo se mantida a uma umidade relativa de 40 a 50%. O couro das encadernações no entanto requer um meio ambiente ligeiramente mais úmido, de 45 a 55% enquanto que materiais como pergaminho e velino deveriam ser estocados entre 50 e 60%. Se for necessária uma conciliação, deve-se manter a umidade relativa a 50%.

Em alguns climas, a manutenção da umidade em seus limites requererá o uso de um umidificador no inverno e um desumidificador no verão. Baixas temperaturas no inverno causam condensação da umidade relativa nos limites de 45 a 55%. Janelas com vidro duplo (vidraça térmica) são úteis na manutenção da umidade no seu nível certo, sem que haja condensação. Em raros dias frios, entretanto, pode ser necessário aceitar alguma redução na umidade para evitar uma umidade excessiva no interior das superfícies da janela.

Há provas de que a oscilação regular de temperatura e umidade relativa (como por exemplo ligar o ar condicionado durante o dia e desligá-lo à noite) pode levar ao enfraquecimento do papel, como resultado da contração e dilatação das suas fibras. Não existe, no entanto, nenhuma estatística exata que possa nos dar a extensão do mal provocado por aquela oscilação. Mas já se concluiu que se a oscilação for mantida dentro dos limites de 12° C e 15% de umidade relativa, os danos sofridos pelo papel serão mínimos.

É provável que a estrutura dos livros é mais seriamente afetada pelos ciclos do que o papel, mas aqui também os efeitos são provavelmente mínimos se as mudanças podem ser retidas dentro dos limites acima. Um trabalho experimental está em andamento na biblioteca para obter dados mais precisos sobre os efeitos das mudanças da temperatura e umidade do papel.

Todo ano, o Library's Preservation Office recebe um grande número de perguntas de pessoas que tiveram suas coleções de manuscritos e livros danificados porque estavam guardados em porões que, ou foram inundados ou são tão úmidos que os materiais mofaram. A menos que um porão seja absolutamente à prova d'água e de "enchentes", e a menos que possa ser mantido a uma umidade relativa de menos de 60%, ele não deveria ser usado para guardar livros e documentos valiosos.

Colecionadores de livros raros que desejam manter as melhores condições ambientais possíveis, devem querer investir em um higrôtermógrafo que fornece um registro contínuo de temperatura e umidade. Outros podem desejar possuir um instrumento preciso e barato que não produz um registro mas indica a temperatura e a umidade. O único meio econômico, razoável e seguro desse tipo conhecido pelo Preservation Office é o "Termo-Higrômetro" Edney.

B - FUNGOS

Os fungos, se desenvolvem no papel quando a temperatura e a umidade não estão adequadas. Os esporos do fungo estão sempre presentes no ar e na superfície dos livros e documentos. Esses esporos começarão a se desenvolver numa temperatura acima de 27° C e numa umidade relativa de 70%. Essas condições se agravam bastante quando o ar se acha estagnado. Alguns fungos podem se desenvolver em temperaturas bem mais baixas (4° C) se o ambiente for úmido. Deve-se dar atenção especial aqueles ambientes que experimentaram algum desenvolvimento acentuado de fungos; neste caso, se o ambiente não foi adequadamente fumigado, os esporos remanescentes podem começar a desenvolver-se a temperaturas e umidade bem baixo daquelas geralmente consideradas como inviáveis para o seu desenvolvimento.

Inicialmente o fungo pode ser somente uma amolação. Se for detectado antes que seu crescimento tenha se tornado avançado, a evidência visível de fungo (geralmente os esporos) deve ser limpa prontamente. Quando os fungos são observados primeiro nos materiais da biblioteca, deveria ser tomada uma ação imediata para mudar as condições ambientais de maneira que eles não possam continuar se propagando. Isso deve ser completado pela diminuição da temperatura e umidade. Se o crescimento dos fungos já estiver bem avançado, a coleção de livros inteira e a área na qual ela é guardada requererão fumigação. A menos que esses passos sejam seguidos prontamente, os fungos irão digerir o material sobre o qual começaram a crescer. Isso resulta, não somente na deterioração e aparecimento de manchas nos materiais envolvidos, mas também em uma rápida perda de força do papel.

Fungos podem ser muito difíceis de serem mantidos sob controle e sérios danos são geralmente causados antes que sejam detectados. Como em tantas ocasiões, a prevenção é mais fácil que a correção, e irá ajudar o colecionador, o bibliotecário, ou o zelador a controlar o ambiente de modo que as condições favoráveis ao crescimento de fungos não ocorram. O tratamento de infestações de fungos que ocorrem quando a temperatura e a umidade passam dos limites, é assunto de outro folheto dessa série.

C - POLUIDORES ATMOSFÉRICOS

Os gases como o dióxido de enxofre, o dióxido de nitrogênio e o sulfato de hidrogênio são os principais fatores na deterioração do papel. Eles se originam da queima de todos os derivados do petróleo e ainda da combustão de vários produtos químicos nas indústrias e nos incineradores de prédios residenciais. Por motivos óbvios, esse tipo de poluição é onipresente nas áreas urbanas e industriais. Do ponto de vista da conservação dos acervos, o combate à poluição atmosférica é o que oferece maiores dificuldades. Não existe forma econômica de proteger dos males da polui-

ção atmosférica pequenas ou grandes coleções que padecem da crônica insuficiência de verbas. Para remover estes poluentes, o ar que serve aos arquivos e às bibliotecas deve ser passado por equipamentos que contêm filtros químicos que absorvem os gases poluidores. Alguns gases poluentes não são tão perigosos por si mesmos, mas fazem mal ao papel ao se combinarem com elevada umidade relativa para a formação de ácidos. Conseqüentemente, SO_2 é catalisado por outros compostos provenientes do ar, transformando-se em SO_3 , que então reage com vapor d'água para formar ácido sulfúrico.

O ozônio, outro poluidor atmosférico, também causa a oxidação e conseqüente enfraquecimento do papel. Este gás é geralmente encontrado no ar depois de tempestades e é gerado pela reação da luz do sol com dióxido de nitrogênio da descarga de automóveis. Um proeminente constituinte da névoa pesada, o ozônio é também produzido por sistemas de filtros eletrostáticos, algumas vezes usados erroneamente por arquitetos e engenheiros na refrigeração de bibliotecas, arquivos e museus, e menos freqüentemente em sistemas de refrigeração residenciais.

As partículas de poeira carregam os poluentes atmosféricos mencionados acima, além de serem altamente hidrofóbicas. Essa combinação forma, portanto, o composto básico para as reações químicas já mencionadas. Logo, manter um acervo sem poeira é fundamental para a sua preservação.

D - LUZ

A luz ultravioleta, presente sobretudo na luz solar e nas lâmpadas fluorescentes, contribui para a oxidação da celulose, e, portanto, pode causar rápida e séria deterioração no papel.

A luz visível causa menos mal do que a invisível ultravioleta, mas também pode provocar males ao papel e ao couro. Os raios da extremidade azul do espectro visível são mais prejudiciais que os da extremidade vermelha. A luz tem dois efeitos sobre o papel, contribuindo ambos para a sua degradação. Primeiro, uma ação clareadora, que causa o desbotamento ou o escurecimento de alguns papéis e algumas tintas. Em segundo lugar, a acelerada degradação da lignina que porventura esteja presente no papel, tornando-o progressivamente escuro, ou amarelado. Esta é a reação que torna os papéis de jornal amarelados na exposição à luz. Coincidindo com esses efeitos visíveis, algumas reações invisíveis também ocorrem. As fibras do papel se rompem em unidades cada vez menores, até se tornarem insuficientes para manterem a folha unida. Infelizmente as reações iniciadas pela luz continuam mesmo depois de removida a fonte do dano.

Tudo isso significa que o papel poderá durar mais no escuro.

No entanto, manter uma coleção ou um acervo de empresa sob escuridão total ou sob iluminação difusa nem sempre é prático. Mas algumas precauções devem ser tomadas como as de manter os objetos fora do alcance da luz solar direta ou indireta, o uso de filtros ultravioletas nas janelas e o isolamento das lâmpadas fluorescentes com estes mesmos filtros, ou o uso de cortinas pesadas.

O uso de luzes fluorescentes é geralmente limitado na instituição, logo essa fonte de ultravioleta não parece ser um problema. Onde esses raios prejudiciais precisam ser filtrados da luz do sol, UF-3 Plexiglas ou Acrylite OP-2 estão disponíveis como substitutos para vidros de janelas regulares, ou esses materiais podem ser isolados ou senão fixados sobre janelas de vidro existentes.

Manuscritos valiosos e documentos de papel similares tais como velhas escrituras, comissões militares, diplomas e semelhantes requerem proteção similar se deseja-se que eles durem. Preferivelmente, esses materiais deveriam ser mantidos em caixas de arquivo de material inócuo, no escuro. Se possível, eles deveriam ser desacidificados e tampoados alcalinamente por um restaurador de papel competente, antes de serem guardados. Entretanto, nas ocasiões onde é desejado expor um item particular, eles deveriam ser limpos e reparados tanto quanto necessário, e então desacidificados, tampoados e emoldurados sob UF-3 Plexiglas ou Acrylite OP-2. Esses materiais protetores não deveriam nunca estar em contato direto com o documento, todavia, posteriormente a tinta amarela usada para filtrar o UV irá descolorir o papel. Moldureiros competentes estão geralmente preparados para montar e emoldurar documentos com bordas de ácido-livre. A moldura separa o documento do plástico.

Mesmo quando bem protegidos, os documentos não deveriam ser pendurados onde fossem expostos à luz forte do exterior ou à luz fluorescente.

As vitrines geralmente possuem luzes fluorescentes que emitem abundantemente na região ultravioleta e consequentemente podem causar sérios danos aos livros, manuscritos e outros materiais de papel, a menos que sejam tomadas medidas para filtrar os raios prejudiciais. Para esse propósito, filtros especiais feitos de UF-3 ou Acrylite OP-2 na forma líquida que deslizam sobre os tubos fluorescentes padrão, estão disponíveis. Sob algumas condições pode ser preferível o uso do material de filtragem plástico na forma de folha.

E - INSETOS E ROEDORES

Os livros, além da celulose do papel, contêm proteínas e carboidratos sob forma de encolagem, adesivos, couros e outras substâncias orgânicas que atraem insetos e roedores. A maneira mais segura de evitar problemas com insetos e roedores é manter os hábitos comuns de limpeza aconse-

lhados pelo bom senso, como: não guardar alimentos, nem fazer ou permitir que se faça qualquer refeição no mesmo ambiente do acervo.

Outras maneiras de evitar a presença desses inimigos do papel são: nas janelas, colocar telas que impeçam a entrada de insetos, ou mantê-las fechadas.

Se for observada a evidência de roedores, é necessário o uso de armadilhas e veneno.

Também práticas habituais de limpeza e vigilância constante irão ajudar o colecionador de livros e pequenas bibliotecas a evitar infestações de insetos.

III - NOTAS

Este texto é a tradução direta, com algumas pequenas adaptações, da publicação *ENVIRONMENTAL PROTECTION OF BOOKS AND RELATED MATERIALS*, da série *PRESERVATION LEAFLETS*, publicados pelo *LABORATÓRIO DO CONGRESSO* dos E.U.A.

O texto original e mais quatro textos já publicados podem ser pedidos, sem custo, ao "*Preservation Office, Research Services, Library of Congress, Washington, D.C. 20540*", E.U.A.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE ARQUIVOS INTERMEDIÁRIOS.

ALLDREDGE, Everett O. Records centers - a historical footnote. Records Management Quaterly, 10:2-5, Spring 1972

*

_____. Standard for Federal Records Center building. American Archivist, 23: 153-5, Apr. 1960.

AN
FGV

ARQUIVO INTERMEDIÁRIO. Arquivo & Administração, 6(3):27, set./dez. 1978.

AN
FGV

ATHERTON, Jay. The origins of the Public Archives Records Center, 1897-1956. Archivaria, 8 :35-59. Summer 1979.

*

AS ATIVIDADES DO DPA. Mensário do Arquivo Nacional, 9 (11): 23-5, nov. 1978.

Relatório do período de jun./set. 1978.

AN
FGV

BENEDON, William. Automated scheduling: records center operations. Records Management Quaterly, 14: 18-26 Apr. 1980.

*

_____. Features of new Records Center buildings. Records Management Quaterly, 1 : 14-21, Jan. 1967.

*

BLAQUIÈRE, H.; FAVREAU, R.; PÉROTIN, Y. Le dépôts intermediares on de "pré-archivage". In: FRANÇA. Direction des Archives de France. Manuel d'archivistique. Paris, Imprimerie Nationale, 1970. p. 118-26.

AN
CPDOC

CAMPBELL, Edward G. Buildings and equipment of Federal Records Center in the United States. Archivum, 7:21-4 1957.

AN

CHABORD, Marie-Therèse et alii. La formation des archives et les pré-archivage. La Gazette des Archives, (99): 200-25, 4. trim. 1977

FGV

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 8, Washington, 1973. A revolução do pré-arquivo. Arquivo & Administração, 4(3):10-1, dez. 1976.

AN

FGV

CREATING a current Records Center, Information and Records Management, 4:30-1, Dec. 1969, Jan. 1970.

*

CUMMINGS, J.F. & SADAUSKAS, W.B. How to set up and operate a records storage center. Office, 52:12-20, Dec. 1960.

*

DENNEY, J.H. New type storage for records. American Archivist, 24:309-12, July 1961.

*

DIVISÃO de pré-arquivo DPA. Relatório das atividades realizadas em 1979. Mensário do Arquivo Nacional, 11(2) fev. 1980. n.p.

AN

FGV

DUBOSCQ, Guy M. Le dépôt de pré-archivage, idée et instrument. Archivum, 26:37-43, 1979.

Paper apresentado no 8º Congresso Internacional sobre Arquivos, Washington, 27 set./ 1º out. 1976.

AN

FGV

_____. & MABBS, A.W. Organização do pré-arquivo. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1976. 74 p.

AN
CPDOC

DUCHEIN, Michel. Le pré-archivage: quelques classifications nécessaires. La Gazette des Archives, (71):226-38, 4.trim. 1970

*

ELLIS, Roger & ELLIS, James. Archivist and architect: an ideal desing for a LIMBO Records repository. Archives, 1:20-9, 1952.

*

EQUIPPING the In-House Records Center: an efficient system. Administration Management, 25: 40-1, Dec. 1964.

*

ESTADOS UNIDOS. National Archives and Records Service. Federal Records Centers. Manual de administração de documentos, que mostra como transferir documentos para um depósito temporário.

*

EVANS, Donald F. Costs and questions about commercial records centers. Information and Records Management, 11(3):26,40, Mar. 1977.

*

FELLOWS, John. Controlling you Records in storage. Office, 66:92-101, Oct. 1967.

*

GERBER, Lester. Records center: an efficient system. Administration Management, 25:40-1, Dec. 1964.

*

GROVER, Wayne. A note on the development of Records Centers in the United States. Indian Archives, 4:160-3, July/Dec. 1950.

*

GUILLEMAIN, Alice. Les archives en formation et le pré-archivage: réflexions à propos d'un chapitre du Manuel

d'Archivistique. La Gazette des Archives, (71): 251-8,
4. trim. 1970.

*

HEGEL, Geral. Equipment review: paper shredders and disintegrators. Records Management Quarterly, 1: 32-4, July 1967

*

HUGHES, James. What a records center can do for you. Information and Records Management, 1: 25-7, Feb./March. 1967.

*

INAUGURAÇÃO do pré-arquivo em Brasília. Mensário do Arquivo Nacional, 9 (11):21-3, nov. 1978.

AN
FGV

KISH, Joseph L. How to establish and operate an inactive Records Center. Records Management Journal, 5: 2-37, Summer 1967.

AN
FGV

LEAHY, Emmet J. & WEIL, Robert E. Planning the Records storage Centers. Office, 35:64-70, 142-7, June 1952.

*

A LOOK into underground vaults & Commercial records centers. Information & Records Management, 7 (2):8-9, Feb. 1973.

*

MABBS, M.A.W. ver DUBOSCQ, Guy.

MCLAUGHLIN, George H. Commercially operated Record Centers. Records Management Journal, 7: 21-4, Sept.1969.

FGV

MADY, Jacqueline. As transferências de documentos dos serviços centrais para os arquivos nacionais. In: A ADMINISTRAÇÃO de arquivos e documentação; antologia compilada por Samuel Haig Jameson. Rio de Janeiro, FGV, 1964. p.248-55.

Texto da comunicação do VII Congresso Nacional de Arquivistas Franceses, a 16 de out. de 1958.

AN
FGV

MAEDKE, Wilmer. Records Centers and the operation: results of an arma survey. Records Management Quartely, 3: 31-4, Oct.1969.

*

MAINE STATE ARCHIVES. Operations manual: state records center. Aug.1972

*

MARCHAND, Marie Louise. Les archives de l'Academie de Paris; expérience de gestron d'une de pré-archivage. La Gazette des Archives, (50):121-29, juil./sept.1965.

AN

LE MÉCANISME de l'élaboration et les procédures d'exécution d'un plan national d'archives. In: OLIER, J.H. d' & DELMAS, B. La planification de documentation de bibliothèques et d'archives; esquisse d'une politique générale. Paris, Unesco, 1974. p. 272-303.

AN
FGV

NARS. Office of Records Management. Managing noncurrent files; Federal Records Centers. 1967.

*

NAUD, Gérard. Pré-archiver d'abord analyser. La Gazette des Archives, (75): 185-9, oct./dec. 1971.

AN

NEWTON, S.C. Pre-archival Records control in East Sussex. Journal of Society of Archivist (4):581-7, Apr. 1973 .

AN

PAES, Marilena Leite. Arquivos intermediários. In: _____. Teoria e prática de arquivos. Rio de Janeiro, FGV, 1978. p. 75-8.

CPDOC

PLACE, Irene & POPHAM, Estelle L. Records centers and business archives. In: . Filing and records management. Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall, 1966. p. 192-202.

FGV

PLANNING determining factor in effective Records Center .
Texas Libraries, 32: 185-7, Winter 1970.

*

PORTER, John. Advances in Records storage and retrieval.
Office, 55: 172, 258-63, Jan. 1962

*

LE PRÉ-ARCHIVAGE; organization et technique (22^e Congrès des Archives de France) La Gazette des Archives, (103): 219-35, 4. trim. 1978.

FGV

THE PRÉ-ARCHIVAL revolution. Archivum, 26:27-44, 1979.

FGV

QUÉGUINER, J. Le dépôt de pré-archivage de la cité administrative de Melun. La Gazette des Archives, (80) : 43, 1. trim. 1973.

*

RAYMOND, Joseph C. The services that clients get from a records storage center. Office, 77 (3):58,61, Mar.1973.

*

RAYMOND, Morton M. The house Records Center. Information and Records Management, 6: 10, Jan. 1972

*

RECORDS storage: let the pro's do it. Purchasing, 63 : 75-8, Oct. 1967.

*

RIO DE JANEIRO. Arquivo Nacional. A seleção dos arquivos e a transferência dos documentos. Rio de Janeiro, 1959, 28 p.

AN

ROFES, William L. & CUTCLIFFE, Benjamin F. Planning the Records Center of the future - industry and government

viewpoints. Records Management Quaterly, 5: 18-20,22-3, 27, July 1971.

*

ROSS, H. John. Records centers. In:_____. Paperwork management. Florida, Office Research Institute, 1961. p. 79-117.

FGV

SAINT-BLANQUANT, Odon de. O problema das transferências nos arquivos. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1960.

AN

_____. O problema das transferências nos arquivos das grandes cidades. In: A ADMINISTRAÇÃO de arquivos e documentação; antologia coligida por Samuel Haig Jameson. Rio de Janeiro, FGV, 256-65.

Informações sobre a França extraída de "O problema das transferências nos Arquivos".

AN

FGV

SHELLENBERG, Theodore Roosevelt. Avaliação dos documentos públicos modernos. In:_____. Arquivos modernos ; princípios e técnicas. Rio de Janeiro, FGV, 1973. 151-98 .

AN

_____. Transferência para centros intermediários de documentos (records centers) In:_____. Arquivos modernos; princípios e técnicas. Rio de Janeiro, FGV, 1973. p. 122-5.

AN

FGV

SCHNEIDER, Philip. Republic aviation's records storage procedure. Records Management Quaterly, 51: 12-45, Feb. 1960.

*

SETTING UP and maintaining the Corporate Records Center . Information & Records Managements, 7 (2): 12.14-15, 18, Feb. 1973

*

SOARES, Nilza Teixeira. Arquivos intermediários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 3, Rio de Janeiro, 1976. Anais... Brasília, Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1979. p. 269-86.

AN

_____. Avaliação e seleção de documentação de arquivos; problemas e soluções. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, 3 (3); 7-14, dez.. 1975

AN
FGV

SURGEON, Olive R. & MARTINS, Robert E. Record Center and storing areas: close cousins but not identical twins. Information and Records Management, 4: 15-7, 42, Dec. 1970

*

SWARD, F. L. How to save money and space by establishing a Records Center. Office Management, :23-5, 73, Oct. 1957.

*

THALER, Katherine Williamson. The Forth Worth Federal Records Center. Texas Libraries, 39: 76-83, Summer 1977

*

ULERY, Max. Records Center Catwalks New Breakthrough. Records Management Journal, 10: 24-7, Spring 1972.

FGV

WILLMS, A. W. Canada's new records center. American Archivist, Chicago, 19: 321-6, Oct. 1965.

AN

QUEM ESTÁ PESQUISANDO O QUE

PESQUISADORES BRASILEIROS

- AGRA, Cecília Ughetto (professora universitária)
Brasileira naturalizada
Universidade Federal de Alagoas
Rua Farani, 60 ap. 804 - Botafogo, Rio de Janeiro-RJ
Pesquisa: Imigração italiana; Companhia de Colonização
Pesquisa em fase adiantada
Finalidade: Tese de mestrado
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: ItTr-A; ItTr-Unt;
ItM-Ff; RjRj-Inperj
- CARVALHO, Nelson Rojas (estudante)
Fundação Casa de Rui Barbosa
R. Júlio de Castilhos 68 aptº 701 - Copacabana, Rio de Janeiro, RJ
Pesquisa: História administrativa da República Velha
Pesquisa em fase final
Finalidade: Indicador dos órgãos do Governo Presidencial e seu funcionamento
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bn; RjRj-Ighb; RjRj-Mre
- DINIZ, Pedro Paulo Gonçalves (estudante)
Universidade Federal Fluminense
R. João Pessoa, 241 - Niterói - RJ
Pesquisa: Revolução Farroupilha, 1835-1845.
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Averiguar as intenções e objetivos dos revolucionários do Rio Grande do Sul.
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bn
- FONSECA, Sônia Giovanneti (antropóloga)
Universidade Estadual de Londrina
R. Paranaguá, nº 1257 - Londrina - PR.
Pesquisa: Arqueologia e história do vale do rio Tibagi (PR)
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Elaboração de Tese de Mestrado em História
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Mi; RjRj-Mn
- FURIATI, Claudia Maria Thiebaut (estudante de Mestrado)
Universidade Federal Fluminense
R. Gal. Venâncio Flores nº 564 aptº 404 - Leblon - RJ
Pesquisa: Classificação sócio-profissional do Rio de Janeiro.
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Monografia de curso
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bn
- GONÇALVES, Telma Lasmár (museóloga)

- Rede Ferroviária Federal S.A.
 R. Fagundes Varela, 270 casa 8 - Niterói - RJ
Pesquisa: Carro imperial (vagão)
Pesquisa em fase final
Finalidade: Fornecer subsídios para restauração do Va -
 gão
 Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Rffa
- LUZ, Araci Asineli da (professora)
 Universidade Federal do Paraná
 R. Augusto Stresser, 1485 - Bairro Cabral - Curitiba -
 Pr. 80000
Pesquisa: O ensino de ciências no Brasil
Pesquisa em fase adiantada
Finalidade: Dissertação de mestrado
 Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: PrC-Bc;RjRj-Cps;
 SpSp-Usp
- LUZ, Marcia Vera Âncora da (estudante)
 UFRJ/IFCS
 R. Jardim Botânico, nº 616 aptº 704 - Bloco B - Rio de
 Janeiro, RJ
Pesquisa: A mão-de-obra escrava no Brasil colonial
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Monografia
 Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bb;RjRj-Ufrj
- MATOS, Maria Regina Mendonça Furtado (professora)
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 R. Xavier da Silveira nº 67 ap. 901 - Copacabana, Rio
 de Janeiro - RJ
Pesquisa: Transição da mão-de-obra escrava para mão de
 obra livre nas culturas algodoeiras, do Período, 1850 -
 1890
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Dissertação de Mestrado
 Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bn;RjRj -
 Fibge
- MESQUITA, Francisco de Assis Leal (professor universitário)
 Universidade Federal do Maranhão
 R. Conde d'Eu, 59 - Monte Castelo, São Luís, Ma.
Pesquisa: Análise das relações de produção na cultura
 do algodão no Maranhão, 1850-1890
Pesquisa em fase final
Finalidade: Dissertação de Mestrado
 Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: MaSl-A;MaSl-Bpbl;
 RjRj-Bn; RjRj-Ighb
- MONTEIRO, Maria Elisabeth Brea (antropóloga)
 Fundação Nacional do Índio
 R. José Linhares, nº 224 aptº 401 - Leblon, Rio de Janei
 ro - RJ
Pesquisa: Índios de Alagoas
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Reconhecimento da identidade de alguns gru-
 pos indígenas de Alagoas (Tingui, índios de cocal)

- Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bn;RjRj-Ihgb
- PEREIRA, Carlos Antonio Lopes (engenheiro)
FINEP/SEPLAN
R. 5 de Julho nº 202 aptº 1003 - Copacabana 22051, Rio de Janeiro - RJ
Pesquisa: Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Industrial Brasileiro
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Publicação de livro e artigos técnicos
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Mea
- PIRATININGA Jr., Luiz Gonzaga (Diretor artístico)
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
R. Correia Dutra nº 59 ap. 808 - Flamengo, Rio de Janeiro - RJ
Pesquisa: São Bento: a ordem no Rio e em São Paulo
Pesquisa em fase adiantada
Finalidade: Publicação
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bn; SpSp - Am; SpSp-Cd
- RIBEIRO, Romero da Silva (estudante de Direito)
Universidade Federal do Rio de Janeiro
R. Valparaíso nº 82 aptº 901 - Tijuca, Rio de Janeiro - RJ
Pesquisa: História da Junta Comercial Brasileira
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Apresentação de trabalho
- SCHNOOR, Eduardo Cavalcanti (professor)
Universidade de São Paulo
R. Abade Ramos, nº 108 aptº 102 - Jardim Botânico - Rio de Janeiro - RJ
Pesquisa: História e ciência : Bandidos sociais no Brasil
Pesquisa em fase adiantada
Finalidade: Dissertação de Mestrado
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: MgBh-A;MgBh-Bp ; RjRj-Bn; RjRj-Ihgb
- SILVA, Murillo Franck da (funcionário público)
Museu do Ministério da Fazenda
R. Cônego Mariz, nº 175 - Irajá - Rio de Janeiro - RJ
Pesquisa: História econômica do Brasil
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Informações para o acervo do Museu da Fazenda Federal
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Mf
- TENÓRIO FILHO, Oswaldo Ulhoa (estudante)
Universidade Federal Fluminense
R. Andrade Pinto, nº 350 aptº 401 - Fátima, Niterói-RJ
Pesquisa: Alimentação/Abastecimento na cidade do Rio de Janeiro
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Graduação
- TRINDADE, Jaelson Bitran (historiador)

SPHAN/MEC - Pró-Memória
R. Baronesa de Itu, 639, São Paulo, SP
Pesquisa: Província Carmelita Fluminense
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Realização de estudos e obras de restauro
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: MgBh-Pcsea;SpSp-
A

VINHA, Valéria Gonçalves da (pesquisadora)
Fundação Getúlio Vargas
Pesquisa: Os círculos operários no Brasil, 1930-64
Pesquisa em fase inicial
Finalidade: Publicação
Arquivos e bibliotecas onde pesquisou: RjRj-Bn; RjRj -
Fgv

SIGLAS USADAS

ItTr-A	- Arquivo de Turim - Itália
ItTr-Unt	- Biblioteca da Universidade de Turim, Itália
ItM-Ff	- Fundação Feltrinelli - Milão, Itália
MaSl-A	- Arquivo Público do Maranhão
MaSl-Bpbl	- Biblioteca pública Benedito Leite - S. Luís MA.
MgBh-A	- Arquivo Público Mineiro
MgBh-Bp	- Biblioteca Pública - B. Horizonte - MG.
MgBh-Pcsea	- Arquivo da Província Carmelitana de Santo Elias
PrC-Bc	- Biblioteca Central do Paraná
RjRj-Bb	- Biblioteca do Banco do Brasil
RjRj-Bn	- Biblioteca Nacional
RjRj-Cps	- Colégio Pedro II
RjRj-Fgv	- Fundação Getúlio Vargas
RjRj-Fibge	- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RjRj-Ihgb	- Instituto Histórico e Geográfico Brasilei- ro
RjRj-Mf	- Biblioteca do Ministério da Fazenda
RjRj-Mi	- Museu do Índio
RjRj-Mu	- Museu Nacional
RjRj-Mrea	- Arquivo do Itamarati
RjRj-Rffa	- Arquivo da Rede Ferroviária Federal
RjRj-Ufrj	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
SpSp-A	- Arquivo do Estado de São Paulo, SP.
SpSp-Am	- Arquivo Municipal de S. Paulo, SP
SpSp-Cda	- Arquivo da Cúria Diocesana - SP
SpSp-Usp	- Universidade de São Paulo

DIVERSAS NOTÍCIAS

A ARQUIVOLOGIA CONTEMPORÂNEA EM DEBATE

Coordenado pela profa. Lia Temporal Malcher, de 21 a 23 de outubro passado, no auditório do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, a Associação dos Arquivistas Brasileiros realizou seminário sob o tema "A Arquivologia Contemporânea em Debate".

Em sua sessão inicial, presidida pela profa. Regina Alves Vieira, tendo como expositores Helena Corrêa Machado e Clairê de Souza Pires, o seminário abordou "Os Arquivos e a Avaliação de Documentos"; na sessão seguinte, presidida pelo escritor Raul do Rego Lima, com exposições de José Sebastião Witter e Afonso Marques, este em debate "Publicações de Arquivos, seu papel e significação"; e na sessão final, sob a presidência da diretora-geral do Arquivo Nacional, Celina do Amaral Peixoto Moreira Franco, "Construção de Arquivos", com exposições de Edmundo Musa e Mbã de Ferrante.

CIDA PROMOVE VII CURSO DE CAPACITAÇÃO ARQUIVÍSTICA

Em sua sede em Córdoba, Argentina, o Centro Interamericano de Desenvolvimento de Arquivos (CIDA) promoveu, de abril a novembro de 1981, o VII Curso de Capacitação Arquivística, que organiza anualmente. Sob a direção do paleógrafo e diplomata Aurelio Tanodi, presidente do Centro, como aliás vem ocorrendo desde a fundação deste organismo, o curso teve a participação de treze representantes da Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Panamá, Perú e República Dominicana. Como professora visitante, a doutora Carmem Crespo Nogueira, renomada arquivista espanhola, ministrou aulas sobre "Novas técnicas de restauração de documentos e livros".

PROCURAM-SE TESES SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Visando elaborar um "Catálogo de Teses sobre o Espírito Santo", para que seja conhecido e possibilite novos estudos, a biblioteca do "Instituto Jones dos Santos Neves", com sede em Vitória, naquele Estado, está registrando o acervo existente, perdido ou inaproveitado até agora, e que reúne importantes pesquisas de autores capixabas.

A direção da biblioteca está chamando a atenção de estudiosos e autores diversos, "para o interesse que reveste quaisquer trabalhos, versando sobre ciências políticas, comunicação, direito, economia, ecologia, educação, geografia, habitação, indústria, patrimônio histórico, planejamento urbano e regional, recursos naturais, saneamento, sociologia, transportes, saúde pública e tecnologia". Para tanto, a biblioteca do IJSN se compromete a fazer a reprodução e a divulgação das teses, que ficarão à disposição da comunidade, além do registro impresso em catálogo.

Poderão ser solicitadas informações a Todêsa, Margaret ou Rosana, na biblioteca do Instituto, à av. César Hilal, 437, 1º and. - Praça de Suã, Vitória, Espírito Santo - CEP 29.000 Tel. 227-5044 R. 64.

I CONGRESSO NACIONAL DA ANABAD (ESPANHA)

Organizado pela ANABAD, realizou-se na cidade de Sevilha, Espanha, de 26 a 31 de outubro passado, o I Congresso Nacional de Arquivistas, Bibliotecários, Museólogos e Documentalistas.

Durante as reuniões plenárias e de comissões técnicas, os congressistas procuraram definir, em conjunto, cada uma das quatro profissões reunidas, com a finalidade de determinar as condições de formação e as exigências de trabalho respectivas.

Em relação aos arquivos, figuram entre as conclusões do Congresso: 1) Estabelecimento de cursos profissionais que permitam, reconhecido legalmente, o título de arquivista em todos os níveis. 2) Que esse título seja exigido para o desempenho das funções de arquivistas da administração pública e das instituições e órgãos da iniciativa privada. 3) Exigir a ampliação e dotação de quadros de profissionais de arquivos, nos diferentes níveis, na administração pública. 4) Recomendar urgência para a tramitação e rápida transformação em lei do Projeto de Lei dos Arquivos.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL,
132 MIL PEÇAS HISTÓRICAS E ARTÍSTICAS

Criado por decreto do Presidente Epi^tácio Pessoa, de 2 de agosto de 1922, e por ele inaugurado em 11 de outubro do mesmo ano, com finalidades, entre outras, de preservar e expor testemunhos da formação histórica e cultural do país e promover a difusão da história e da cultura brasileiras, o Museu Histórico Nacional dispõe de um patrimônio com cerca de 132.000 peças históricas e artísticas.

Desse total, 117.419 são arroladas, compreendendo os arquivos histórico e fotográfico com mais de 50.000 documentos e quatro bibliotecas, com 20.000 títulos de obras, periódicos, inclusive a coleção "Brasileira".

O acervo histórico e artístico compõe-se de 77 grandes coleções, de gêneros diversos, tais como armaria, condecorações, escultura, filatelia, indumentária, louça, medalhística, numismática, ourivesaria, pintura, prataria e viaturas, destacando-se a importância das coleções de medalhas e moedas, cujo núcleo original é constituído pela coleção da Casa Real Portuguesa. Destacam-se, ainda, as coleções Almirante Barroso, Barão de Cotegipe, Visconde do Rio Branco, José de Alencar, Duque de Caxias, General Osório e General Argolo, abrangendo documentos e objetos.

BIBLIOTECAS E ACERVO NUMISMÁTICO

As quatro bibliotecas do Museu Histórico Nacional - a Geral, a de Numismática, a da República e a Infante-Juvenil - reúnem cerca de 20.000 livros, 530 títulos de periódicos e 4.500 folhetos diversos.

Fonte regular de consulta para estudiosos e pesquisadores, embora originariamente haja sido destinada aos funcionários do Museu, a Biblioteca Geral, como as demais, funcionando entre 14 e 17 horas, dispõe em seu acervo de importantes conjuntos de obras, das quais muitos livros raros. Nela se destacam, entre outras, a Coleção Miguel Calmon (Ministro da Agricultura no período 1922/26, composta por livros predominantemente de Agricultura); e a coleção Sofia Jobim Magno de Carvalho, com obras sobre indumentária e arte, que focalizam aspectos nacionais e regionais.

Estão entre as obras raras: *Voyages Pittoresques, Scientifiques en Amérique, Brésil*, de Henri Koster, em dois volumes, editados em Paris, o primeiro em 1818 e o segundo em 1846; uma edição anotada, em seis volumes, da *História do Brasil*, de Robert Southey, traduzida pelo dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, em 1862; *Sketches of Residence and Travels in Brazil*, pelo Reverendo Daniel P. Kiddes,

publicado em Londres, em dois volumes, em 1845. Há ainda, de Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, em dois volumes, publicados em Paris, em 1830, e *Voyage dans le district de diamants et sur le Littoral du Brésil*, também em dois volumes, editados em Paris em 1833.

A Biblioteca de Numismática reúne as obras específicas sobre o assunto e, embora franqueada ao público, é usada com mais regularidade pelos técnicos da Casa, que nela pesquisam e respondem a consultas, emitindo pareceres e laudos.

Setenta mil peças compõem o acervo numismático, medalhístico, filatélico e sigilográfico, compreendendo moedas, papel-moeda, medalhas, condecorações, selos e sinetes nacionais e estrangeiros, e cuja história remonta a 1876, quando foi iniciada a coleção de moedas e medalhas, no antigo Museu Nacional, situado na Quinta da Boa-Vista.

Em 1922 o primitivo acervo foi transferido para o Museu Histórico Nacional, aumentando, então, a cada ano.

Junto à Seção de Numismática funciona uma biblioteca especializada, formada por obras em vários idiomas, necessárias para o trabalho de identificação, classificação e a qualquer tipo de pesquisa inerente àquela especialidade e às ciências afins.

XI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Será realizado em João Pessoa, Paraíba, de 17 a 22 de janeiro próximo, o XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação e que terá como tema central "Biblioteca e Educação Permanente".

Os trabalhos, que serão desenvolvidos em forma de conferências, painéis e grupos de trabalho, abordarão ainda os subtemas "A Biblioteca na Educação Formal", "A Biblioteca nos Programas de Alfabetização e de Educação de Adultos", "A Biblioteca no Processo de Desenvolvimento", "A Biblioteca e Cultura Local" e "Meios de Comunicação de Massa e o Hábito de Leitura".

A impressão dos Anais do Congresso será feita por reprodução fotográfica, com ilustrações, devendo aos autores dos trabalhos aprovados serem conferidos certificados de apresentação.

CALENDÁRIO AAB - CURSOS PARA 1982 - NÚCLEO REGIONAL DE BRASÍLIA

MARÇO	ABRIL	JUNHO
ARQUIVO, MICROFILME E AUTOMAÇÃO 3 SEMANAS/50 HORAS/CR\$ 35.000,00	ARQUIVOS CORRENTES 3 SEMANAS/45 HORAS/CR\$ 30.000,00	ARQUIVOS DE 2a. E 3a. IDADES (INTERMEDIÁRIO E PERMANENTES OU HISTÓ- RICOS) 3 SEMANAS/45 HORAS/CR\$ 30.000,00
AGOSTO	OUTUBRO	NOVEMBRO
ARQUIVO MÉDICO 1 SEMANA/20 HORAS/CR\$ 20.000,00 ARQUIVO CARTOGRÁFICO E DE ENGENHARIA 2 SEMANAS/30 HORAS/CR\$ 25.000,00	ARQUIVOS JURÍDICOS 2 SEMANAS/30 HORAS/CR\$ 25.000,00	ARQUIVO DE IMPRENSA 1 SEMANA /20 HORAS/CR\$ 20.000,00

(PREÇOS REAJUSTÁVEIS)

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS - NÚCLEO REGIONAL DE BRASÍLIA
 TELEFONE: 225-8728
 MINISTÉRIO DO TRABALHO - D.F.M.O. - Credenciamento nº 0745 para fins
 de formação profissional.
 Lei Nº 6297, DE 15.12.75 E DECRETO Nº 77.463, DE 22.04.76

ASSUME PRESIDENTE DA COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS

Eleito durante o 4º Seminário Sobre Publicações Oficiais Brasileiras, realizado em julho passado, em Brasília, assumiu o cargo de presidente da Comissão de Publicações Oficiais Brasileiras, no dia 4 de novembro último, o sr. Ubaldino Dantas Machado, da Associação de Bibliotecários daquela capital. Falando, na oportunidade, o presidente da CDPOB lembrou que, "nos dias atuais, quando se exige uma comunicação rápida e precisa, é imperativo que se dê toda atenção à comunicação feita através das comunicações oficiais", concluindo por "solicitar a colaboração de todos os órgãos e instituições da área oficial, no sentido de dinamizar os trabalhos da citada Comissão".

COMITÊ DE ARQUIVOS DO IPGH

Cumprindo resolução da XII Assembléia Geral do Instituto Panamericano de Geografia e História, irá reunir-se em Santiago do Chile, de 23 a 25 de março vindouro, (1982) o Comitê de Arquivos dessa instituição. Por essa razão, o presidente do Comitê, Bernard Weilbrenner, está solicitando aos membros deste órgão o envio de sugestões e iniciativas que permitam a elaboração de uma agenda útil e interessante para a reunião.

ASSEMBLÉIA GERAL DA ALA

Cumprindo decisão de seu Comitê Executivo, reunido em outubro passado, em São Domingos, República Dominicana, a Associação Latinoamericana de Arquivos irá realizar, no dia 24 de março próximo, em Santiago do Chile, sua Assembléia Geral. Com a presença de representantes dos países membros e convidados, serão debatidos os diferentes problemas da instituição e suas atividades, face ao desenvolvimento atual dos arquivos na América Latina.

CURSOS TÉCNICO-PROFISSIONAIS

A Fundação Escola de Serviço Público/RJ promoveu, no decorrer de 1981, com a participação de profissionais de empresas públicas e privadas, cerca de 60 cursos de natureza técnico-profissional nas áreas de Documentação e Informação, Direito e Legislação, Administração de Material, Pessoal e de Finanças, Comunicação e Tecnologia Educacional, além de treinamento para funções específicas.

ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO NORTE DIVULGA REALIZAÇÕES EM 1981

A Diretora Geral do Arquivo Público do Rio Grande do Norte, Profa. Zilda Lopes do Rêgo, encaminhou, pelo ofício nº 073/81 de novembro corrente à Diretora Geral do Arquivo Nacional, Dra. Celina Moreira Franco, a programação daquele órgão em consonância com a orientação da Secretaria de Estado da Administração, cujo titular é o Dr. Francisco de Assis Câmara. Destacam-se no plano a política estabelecida pelo APE/RN para a melhoria do funcionamento do Sistema Estadual de Arquivos, bem como o aprimoramento das condições materiais aos estudiosos e pesquisadores. O plano global abrange a Programação do Arquivo Intermediário e Histórico, e procura adotar métodos e técnicas apropriadas para o bom funcionamento do Sistema.

Assim, a Divisão do Arquivo Intermediário objetivando a preservação da documentação de valor administrativo do Estado, ativou a recuperação das informações sob sua guarda usando técnicas arquivísticas pré-estudadas, dando expansão ao programa de assistência técnica para os arquivos da Administração Indireta, sendo de se ressaltar que a SUTEPE, órgão de Treinamento de Pessoal do SAD, numa programação conjunta, colaborou de maneira decisiva para o aperfeiçoamento dos Servidores que atuam neste campo de trabalho. Além de prestar esta assistência técnica aos arquivos do Sistema Estadual de Arquivo, assegurando a guarda e conservação dos documentos de valor administrativo do Estado, fixou critérios de Classificação, Conservação e eliminação de documentos.

Por outro lado, a Divisão de Arquivo Histórico, durante o ano de 1981, deu continuação às suas atividades desde a criação ao APE/RN dando prosseguimento à classificação dos acervos transferidos para esta Divisão, originários das Secretarias de Estado. Dentre os seus objetivos esteve a

difusão da memória histórica do Estado, através da iraquia e acesso ao público da documentação existente na DAH; elaboração e impressão do inventário da documentação já classificada, especialmente da Governadoria, e promoção de cursos e exposições relativos a fatos e datas da História do Rio Grande do Norte.

2º ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL

Promovido pelo CEPEHIB, com a participação de mais de 40 arquivistas, pesquisadores e professores, realizou-se em Salvador, na Bahia, de 20 a 23 de julho último, o "2º Encontro Nacional sobre a História da Igreja no Brasil".

Durante o Encontro, foi abordado o tema "A Igreja Católica no Brasil e a Escravidão", sendo apresentadas, para debates e conclusões, exposições sob os títulos "O Pensamento católico e a escravidão", "A Companhia de Jesus em face da escravidão indígena" e "A Igreja e a escravidão negra no Brasil", respectivamente do prof. Riolando Azzi, do IBRADES, no Rio de Janeiro; padre Herbert Wetzell, da Unisinos, de São Leopoldo - RS; e padre José Beozza, do Instituto de Teologia de Lins, ITEL.

Foram ainda apresentadas comunicações, em número de dezoito, sobre temas à escolha dos expositores, entre elas "Alguns padres de uma estrutura familiar baiana", de Consuelo Pondê de Sena, "Fontes para a História da Igreja em Santa Catarina", de Walter Piazza, e "Restauração Beneditina no Brasil", do Pe. Jaime Jongman.

FONTES PARA A HISTÓRIA DA IGREJA EM SANTA CATARINA

Em seu número 4, ano II, do corrente mês, o boletim do CEPEHIB transcreve o trabalho "Fontes para a História da Igreja em Santa Catarina", apresentado por Walter F. Piazza, durante o Encontro de Salvador.

Analisa o autor minuciosamente, nesse trabalho, sob critérios metodológicos, as fontes que julga mais importantes para a história da Igreja naquele Estado, ou sejam os

acervos dos arquivos portugueses da Torre do Tombo e o Histórico Ultramarino, e os arquivos brasileiros - o Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro, o Arquivo Público de Santa Catarina e os arquivos eclesiásticos desse mesmo Estado, situados em dioceses e paróquias.

São conclusões do trabalho:

1) Há uma enorme massa documental a ser trabalhada para que possa produzir uma História da Igreja no Brasil;

2) Há necessidade de um trabalho organizado, de equipe, de forma sistemática e ininterrupta, que se poderia estruturar com duas formas de divulgação: a) a curto prazo, mediante estudos monográficos; *Cadernos de História da Igreja no Brasil*; e a prazo médio e longo, com um "Dicionário da História da Igreja do Brasil".

3) Dadas as dificuldades de estruturação, face às dimensões do território nacional, organizar-se-ia de forma regional, cada equipe, com reuniões semestrais, e os trabalhos, a nível nacional, seriam avaliados anualmente.

ARQUIVO NACIONAL
SEÇÃO DE CONSULTAS

FINALIDADE - O Arquivo Nacional, criado, a bem dizer, pela Constituição do Império, de 1824, e regulamentado pelo decreto imperial de 2 de janeiro de 1838, é órgão integrante do Ministério da Justiça e tem por fins preservar, promover e divulgar os documentos nele arquivados, de valor legal, administrativo ou histórico, oriundos dos órgãos integrantes dos Poderes da União e das entidades de direito privado por ela instituídas, e os de valor histórico, provenientes de outras entidades públicas ou de origem particular.

O Arquivo Nacional guarda sob sua custódia aproximadamente dois bilhões de documentos, que datam de 1534 até nos dias.

HORÁRIO - Para consulta desses documentos, a Seção de Consultas está aberta diariamente, exceto aos sábados, domingos e feriados, de 9,30 às 17,30 horas, sem interrupção durante todo o ano.

ADMISSÃO - É facultada a todo cidadão brasileiro ou estrangeiro, que se proponha a fazer pesquisas em suas coleções de documentos, bastando para isso, registrar-se como consultante na Seção de Administração - Protocolo, mediante documento de identidade.

Ao registrar-se, o consultante receberá um Cartão de Identificação, que será renovado a cada ano e deverá ser apresentado sempre que exigido.

ACESSO À SEÇÃO - Munido de seu Cartão de Identificação, o consultante receberá uma senha na Portaria, devendo aí deixar embrulhos, pastas ou livros, e irá à Seção de Consultas, onde um funcionário habilitado lhe dará assistência no acesso aos fichários e catálogos. A senha deverá ser devolvida, ao sair, na Portaria.

REQUISIÇÃO DE DOCUMENTOS - Os documentos cuja consulta não está sujeita a formalidades especiais; poderão ser solicitados por fichas de requisições, branca para o mesmo dia, e rosa para o dia seguinte ou até 7 dias subsequentes (reserva) assim como para aqueles que dependerem de busca por parte das Seções.

Só poderão ser feitas 3 (três) requisições de cada vez, equivalente a três volumes, ou três processos ou três maços (caixas).

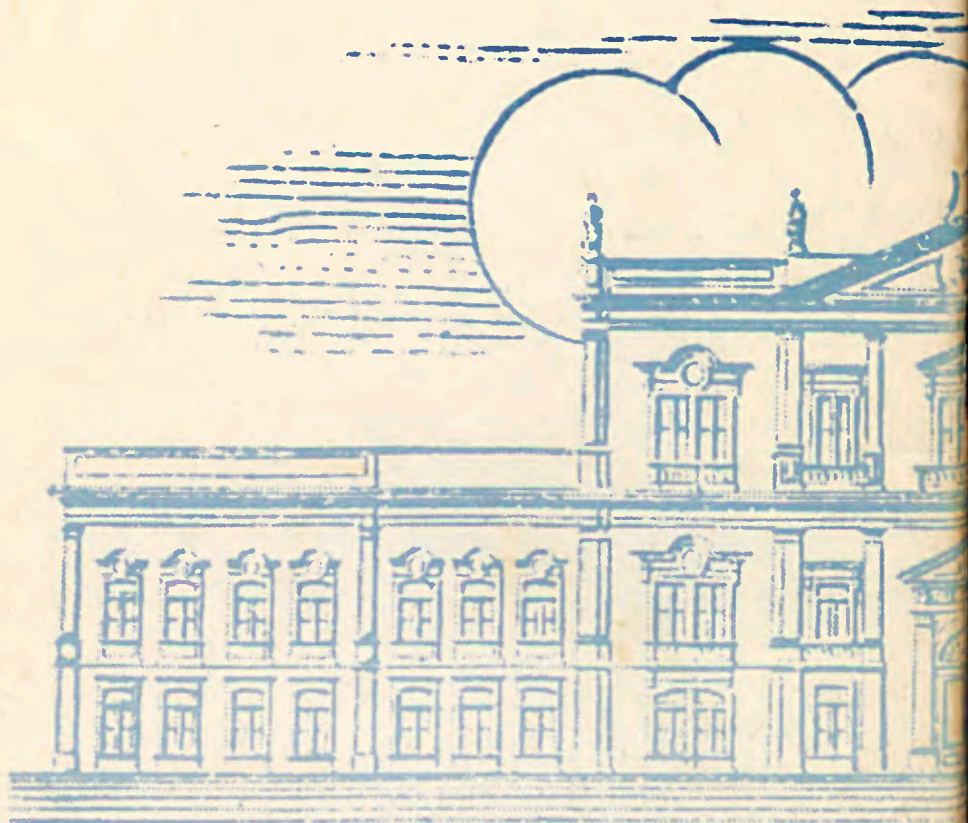
O Consultante poderá, para evitar eventual demora, fazer mais três requisições, mas só receberá os novos documentos quando devolver os já pesquisados.

Estão à disposição dos pesquisadores, catálogos impressos, em fichas e datilografados.

XEROX - O consultante que desejar fazer cópia xerox deverá preencher, na Seção de Consultas, um formulário próprio, indicando a localização e as características do documento. O funcionário passará o visto, e indicará o número de cópias e a seção de custódia do documento.

MICROFILME - Para a microfilmagem, o consultante deverá, além de proceder da mesma forma, entrar em entendimento com a Seção de Reprodução.

COMPORTAMENTO DOS CONSULTANTES - Proporcionando a Sala de Consultas, dotada de ar condicionado e iluminação ótima, todo o conforto que foi possível à administração oferecer, é de esperar a cooperação dos consultantes no sentido do máximo zelo no manuseio dos documentos, observância de silêncio e proibição de fumar.



ISSN-0045-2726